

Abc de Castro Alves, de Jorge Amado: Canto de liberdade, sertão e projeto literário

Abc de Castro Alves, by Jorge Amado: Song of freedom, hinterland and literary project

Ingrid Piaulino¹
Andrea Lobato²
Welistony Câmara Lima³
Ana Patrícia Sá Martins⁴

RESUMO: *Abc de Castro Alves*, de Jorge Amado, narra a vida do poeta baiano e o constrói como um personagem, visando a exaltação de uma literatura brasileira engajada. Dessa forma, busca-se compreender de que forma Alves é tecido enquanto elemento literário, sua relação com o projeto literário/político de Jorge Amado e a ideia de sertão enquanto campo libertário. Para tanto, a metodologia utilizada foi a de cunho qualitativo e bibliográfica, elencando Rossi (2009), Pontes (2017) e Figueiredo (1998). Essa pesquisa justifica-se pela partilha do diálogo entre Jorge Amado e a

¹ Possui graduação em Letras-Português/Inglês pela UEMA e é mestranda, bolsista, em Teoria Literária (UEMA). Faz pós-graduação em Gamificação e Língua Portuguesa e Literatura no contexto educacional, ambos pela UNINTER. Também, é componente do Grupo de Pesquisa TECER (UEMA). E-mail: ingridpiaulinolopes@gmail.com.

² Possui Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. É Professora da Universidade CEUMA e Professora Adjunto IV da Universidade Estadual do Maranhão. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, área de Concentração Teoria Literária. E-mail: andreatmlobato@gmail.com.

³ Possui graduação em Letras Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas pela UEMA e é mestrando, bolsista, em Teoria Literária (UEMA). Faz pós-graduação em Semiótica e Análise do Discurso (FAMEESP). Também, é componente do Grupo de Pesquisa MELP (UEMA) e LiDiME (UFMA). E-mail: profetonylima@gmail.com.

⁴ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos -UNISINOS/RS (2020). Graduada em Letras Licenciatura Plena em Espanhol, pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e em História Licenciatura, pela Universidade Estadual do Maranhão (2009). Atua como Professora Adjunta no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. É Professora Permanente no Mestrado Profissional em Educação (PPGE/UEMA) e no Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLE/UEMA). É líder do grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP). E-mail: anamartins1@professor.uema.br.



obra poética de Castro Alves que, ainda que sejam sujeitos de épocas distintas, são guiados pelo construto ideacionário de liberdade.

ABSTRACT: Jorge Amado's *Abc de Castro Alves* narrates the life of the Bahian poet and builds him as a character, aiming at the exaltation of an engaged Brazilian literature. Thus, we seek to understand how Alves is woven as a literary element, his relationship with Jorge Amado's literary/political project, and the idea of sertão as a libertarian field. To this end, the methodology used was qualitative and bibliographic, listing Rossi (2009), Pontes (2017), and Figueiredo (1998). This research is justified by sharing the dialog between Jorge Amado and the poetic work of Castro Alves who, although subjects of different times, are guided by the ideational construct of freedom.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto literário; Amado; Personagem; Alves.

KEYWORDS: S Literary project; Amado; Character; Alves.

1. Introdução

Na obra literária *Abc de Castro Alves*, Jorge Amado engendra a narração biográfica do poeta baiano Castro Alves e o constrói como um personagem, visando à exaltação de uma literatura brasileira engajada. Nesse sentido, *Abc de Castro Alves: Canto de liberdade, sertão e projeto literário* busca compreender de que forma o poeta é tecido enquanto elemento literário na narrativa de Jorge Amado, assim como analisar a relação com o projeto literário/político de Jorge Amado.

Para isso, delimitamos como objetivos específicos analisar a construção da ficcionalização de um dos maiores poetas da literatura brasileira na biografia referida e, além do mais, compreender de que forma o autor se aproxima do poeta, seja de forma literária, seja de forma política. É evidente que o projeto literário dessa obra de Jorge Amado possui elementos que, ainda que tragam traços de um romance, se declaram como biográficos, uma vez que recorrem a documentos que datam a vida do poeta.

Assim, a problemática que levantamos é norteada pelo seguinte questionamento: como o poeta é ficcionalizado na biografia romanceada? Para responder a essa pergunta e às demais reflexões sobre como a cultura nordestina é louvada na obra, utilizou-se a literatura de Figueiredo (1998), por meio de seu olhar crítico sobre as análises (inter)literárias entre Castro Alves e Jorge Amado; Pontes (2017), que faz um percurso mediado entre Jorge Amado e o campo comunista; Silva (2012), que analisa as diversas biografias dedicadas ao poeta, tencionando identificar os traços memorialísticos com que Castro Alves se faz presente nas diferentes manifestações culturais; dentre outros. O método de pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico utilizado considera a abordagem sociocultural e de análise de alguns personagens, por permitir uma reflexão profunda e significativa do *ABC de Castro Alves* de Jorge Amado.

Destarte, essa pesquisa foi produzida por professores e mestrandos em Teoria Literária que buscam, por meio da materialidade de opiniões literárias, convergências entre a biografia declarada de Jorge Amado e a obra poética de Castro Alves, em meio ao prisma libertário dialogado por ambos: esse, que defende a liberdade como natural ao ser humano, e aquele, que acredita nela enquanto a amante mais bela de todas.

2. *Abc de Castro Alves*: uma biografia romanceada

A biografia romanceada intitulada *Abc de Castro Alves*, escrita por Jorge Amado e publicada em 1941, narra a vida do poeta em sua brevidade, envolta nos amores, lutas e viagens que fizeram o seu reconhecimento na literatura brasileira. Para tanto, o autor opta pelo uso de um narrador que conta a história não para o leitor, mas para a interlocutora sem nome, louvada como “negra”: “Senta-te aqui ao



meu lado, amiga, e eu te contarei uma história. Faz tempo que não te conto uma história na beira deste cais” (AMADO, 2010, p.7).

Louvação essa que faz parte da estrutura de um “abc” que não se compromete necessariamente com a realidade, mas a idealiza e ressalta suas melhores nuances. Nesta análise, selecionamos alguns fragmentos da edição de 2010, publicada pela editora Companhia das Letras, na Coleção Jorge Amado, sob o conselho editorial de Alberto da Costa e Silva e Lilia Moritz Schwarcz, contendo 304 páginas. Os trechos selecionados abordam as categorias analisadas: canto de liberdade, sertão e projeto literário.

Jorge Amado aborda desde a “genealogia familiar à ligação com o contexto histórico vivido (...), como também a seleção de fatos individuais e sociais” do poeta (PONTES, 2017, p.4). Ademais, conta que “três cidades marcam a sua vida, entre todas em que andou, como três mulheres a marcam, entre as muitas que amou e possuiu. Bahia, Recife e São Paulo” (AMADO, 2010, p.76). A partir da sua origem baiana, passando pela capital pernambucana, depois pela selva de pedra e a capital carioca, a vida do poeta é assim apresentada em um percurso que reconta um novo Castro Alves, talvez desconhecido pela maioria dos leitores de suas poesias.

A obra *ABC de Castro Alves* foi escrita por Jorge Amado em meio a um país dividido politicamente que atravessava os desafios da entrada na Segunda Guerra Mundial. Assim como o fez na biografia *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Preste*, figura que possuía grande notoriedade como político comunista - Jorge Amado se propôs a desenvolver em *ABC de Castro Alves* uma narrativa que ressaltasse as características do jovem líder que defendia a liberdade como o bem mais supremo e natural ao ser humano: “[t]omaria da liberdade como se ela fosse uma mulher, de esgalgo corpo e de perfeito rosto e a ela dedicaria toda a sua vida,

os seus mais belos versos, em função dela viveria” (AMADO, 2010, p.36). Para isso, o romancista denuncia em suas obras tudo aquilo que mina a liberdade:

A militância de Jorge Amado constitui um dos elementos-chave para a compreensão de parte substantiva de sua trajetória como escritor. Basta lembrar que, dos mais de sessenta anos de carreira, quase 25 foram dedicados à construção de uma prática literária visceralmente ajustada aos dilemas associados ao seu engajamento no Partido Comunista Brasileiro (PCB) (ROSSI, 2009, p.23).

Reúne, assim, as ideias que louvam a liberdade, descrita como a mulher mais amada por Castro Alves para, ao mesmo tempo, “influenciar os intelectuais em defesa da soberania nacional” (PONTES, 2017, p.3) que viam nas artes em geral oportunidade para expressarem suas angústias e revoltas da época.

Decerto, não parece aleatório que Amado tenha focado cada vez mais o Partido, justamente num contexto em que seus membros, na mais completa ilegalidade, passavam a sofrer as piores perseguições, prisões e torturas desde a divulgação do Plano Cohen e a implantação do Estado Novo em 1937 (ROSSI, 2009, p.29).

Atrelado às vivências do poeta, o autor apresenta à sua interlocutora as mulheres de Castro Alves: seu primeiro amor, Leonídia, é descrita como “a menina de olhos mortos que lhe ensinara o nome das flores” (AMADO, 2010, p.63). Leonídia Fraga suicidara-se após a morte do seu amado. Eugênia Câmara o conheceu quando ele tinha apenas dezesseis anos e logo o seduziu - é para ela que o poeta dedica o poema “Meu segredo”. A atriz de teatro é acusada pelos amigos de Castro Alves de culpada pela sua morte precoce (AMADO, 2010, p.309). Em Recife, Idalina, que sonhava em ter uma vida de regalias, recebe de Castro Alves a oferta de que “em troca da sua beleza”, “o presente da cidade (...) cairia aos seus pés” (AMADO,



2010, p.100). Outras são descritas brevemente ou com certo protagonismo na vida do poeta.

No leito de sua morte, como num resgate de todas essas mulheres que passaram pela vida do poeta, o autor celebra suas aventuras amorosas numa derradeira despedida de suas muitas amantes:

E, cerrando os olhos negros, ele beija a fronte pura de Eulália Filgueiras que se aproxima lhe oferecendo os lábios. Vem Dendém de riso travesso, um beijo na boca de Maria Cândida, chegam as judias, são três: Mary, Simy e Ester, a todas três ele amou. Inês chega de terras distantes, seus negros cabelos de espanhola. Vem a paulista Maria Carolina. Idalina, saudosa Idalina dos primeiros tempos do Recife! Leonídia, a virgem sertaneja, em cujos seios descansou a cabeça febril. Nas mãos traz flores da campina, um sorriso nos lábios. Sinhá Lopes dos Anjos, do país de São Paulo, envolta em neblina. Agnese, fria Agnese, que não quiseste delirar de amor... E Eugênia, os olhos vermelhos de chorar, as mãos estendidas para ele, o corpo tão belo e tão amado! (AMADO, 2010, p.265).

Essa é uma característica dos romances de Amado, uma vez que o autor celebra as aventuras amorosas, exagerando, decerto, mas ficcionalizando momentos históricos embasado em pesquisas que credibilizam suas narrativas e que paralelamente projetam sua ideologia na ficção. Com o poeta Castro Alves ocorreu essa afinidade por uma série de fatores, mas principalmente pelas suas aspirações. Segundo Domício Proença Filho, “Jorge Amado identifica-se com o poeta. Diz de Castro Alves e de seus amores e diz, paralelamente, do encantamento do seu próprio sentir amoroso, diante da amada, sua silenciosa interlocutora” (PROENÇA FILHO, 2010, p.323).

3. Construção do personagem Castro Alves

3.1. Cultura nordestina: os abcês dos heróis do sertão e a genealogia familiar do poeta baiano

De acordo com Proença Filho (2010, p.320), como “frequentador assíduo da literatura oral e popular brasileira, o abc privilegia a louvação”, além do mais, “exalta a valentia cangaceira, a excepcionalidade de animais do campo; registra os feitos e acontecimentos famosos (PROENÇA FILHO, 2010, p.320). Os heróis são louvados por meio de abc. Algumas figuras heróicas do sertão nordestino são neles lembradas e imortalizadas. A exemplo disso, na literatura de cordel, Rodolfo Coelho Cavalcanti publicou, em 1976, o *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros* (CAVALCANTI, 1976):

Ruiu a Ponte da Vida
Do famoso "CAPITÃO"
Conhecido VIRGULINO
Bonaparte do Sertão.
Foi ele um dia tombado
Com sua amante ao lado
Pelos laços da traição.
(...)
Varrendo de ponta à ponta
A grute dos cangaceiros
Morreram sem piedade
Ali todos bandoleiros...
Ao depois de fulminados
Foram todos degolados,
Não houve prisioneiros.
(CAVALCANTI, 1976, p.6)

Nessa poesia, o cordelista coloca Maria Bonita em primeiro plano, dando o reconhecido protagonismo já mencionado pelo narrador do *ABC de Castro Alves*: “Lampião teve o seu abc, num abc foi cantada Maria Bonita que cortou o sertão



com o seu homem e por ele deu a cabeça bem próximo a Propriá” (AMADO, 2010, p.9). O musicista paraense Waldemar Henrique, rememorando as lembranças de locais por onde passou, compõe, em 1948, a canção o *ABC de Lampião* (PEREIRA, 1948), que exalta a valentia e don juanismo de “Virgulino” (ALVES, 2018, p.33).

Outro registro de literatura histórica em formato de abc sobre a vida do cangaceiro pode ser encontrado na reportagem de Nonnato Masson, intitulada *A aventura sangrenta do cangaço*, em que, mesmo sob a neblina do anti-heroísmo “para os injustiçados nos sertões do Nordeste, Lampião era a última instância” (MASSON, 1962). Todos esses registros evidenciam que há uma relação próxima que une as histórias dos heróis do sertão e Castro Alves, herói declamado por Amado, ainda que não tenham compartilhado vivências datadas no tempo.

Quem nasceu na caatinga, viu o mugir triste dos bois nos mais tristes crepúsculos, cresceu ouvindo histórias de secas e de cangaceiros, assistindo a duelos de punhal e a amansamentos de touros bravios, aprendendo que a vida é feita para ser vivida valentemente, quem vive o anônimo heroísmo diário do sertão, é capaz até de se levantar e lutar contra o código de honra que o próprio sertão criou (AMADO, 2010, p.15).

Castro Alves nasceu no sertão baiano e viu, desde pequeno, o seu destino interpelado a grandes figuras revolucionárias, seja o major Silva Castro liderando batalhões na Independência a corajosa tia Pórcia, que fugiu para viver o amor proibido nos braços de seu amado, o tio alferes João José Alves, por quem tinha grande afeto, respeito e admiração pelo seu espírito revolucionário, ou mesmo a caatinga com sua vegetação - todos contribuíram para a formação humanitária, rebelde e destemida do poeta. Aprendera desde cedo que o sertão possui as suas próprias regras e cria homens e mulheres fortes com amores arrebatadores:

Um código de honra nascera no sertão e ainda hoje, cem anos quase passados sobre essa história, ele existe no coração dos senhores das fazendas e no coração dos cangaceiros. O sertão cria homens fortes e mulheres belas e cria também devoradoras paixões no mais tímido peito da mais recatada donzela que vivera até então escondida no labirinto das casas-grandes. As mais tímidas mulheres do sertão quando chega o seu momento de amor são fortes como o mais corajoso cabra de Juazeiro. É a caatinga que as faz assim (AMADO, 2010, p.15).

Talvez seja com essa rebeldia em “lutar contra o código de honra que o próprio sertão criou” (AMADO, 2010, p.15) que Castro Alves alimenta seu espírito livre: paixões sem contratos sociais e lutas pela liberdade do ser humano marcam sua breve vida, e é a partir disso que mantém amizades fiéis com seus admiradores. Abandona o conforto do seu lar para contar a sua própria história a partir das suas vivências e, mais adiante, as histórias representadas de quem era silenciado e tinha a sua liberdade cativa. O poeta via os escravizados “como humanizado, sensível, racional, múltiplo, em situações verossimilhantes, portanto não como tábula rasa” (OLIVEIRA, 2007, p.79).

3.2. História, biografia ou literatura?

Ao discutirmos sobre a literatura de Jorge Amado, observamos seu projeto literário em valorizar seus posicionamentos políticos/sociais dentro de sua ficção. As correspondências entre Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins reforçam suas perspectivas acerca das situações do país, do teor literário produzido e aspectos de âmbito pessoal.

A pesquisadora Figueiredo (1998), em artigo, tece uma leitura crítica sobre as análises literárias, em relação aos escritos de Castro Alves sob a ótica de três



escritores modernistas: Mário de Andrade, Jorge Amado e Affonso Romano de Sant'Anna. Ela observa que existe uma diferença entre a percepção literária de Andrade e Amado que não se justifica pela distância temporal, mas sim social.

Assim, observamos que Andrade não demonstra engajamento na sua literatura, pois está no conforto de São Paulo. Enquanto isso, Amado, em seu contexto nordestino, percebe a urgência em denunciar a vida de pessoas menos favorecidas, tornando sua literatura um meio de dar voz para aqueles que sofrem (FIGUEIREDO, 1998). A partir disso, o escritor elenca Castro Alves, seu conterrâneo, para enaltecê-lo enquanto poeta preocupado com a realidade do povo.

Desse modo, a escolha de Amado em valorizar o poeta romântico é decorrente de sua vivência, que é oposta ao conforto dos intelectuais modernistas, como ele afirma no prefácio de seu livro, ao defender-se de possíveis críticas acerca do caráter biográfico da obra: “deixo esse explodir de rancorezinhos para a voz dos críticos e poetas modernistas (vozes tão débeis diante da de Castro Alves que só podem mesmo se preocupar com coisas desse porte)” (AMADO, 2010, p.16).

Esse comentário também é precedido pela crítica de Amado ao dizer que “faltou-lhes a coragem de encarar a Castro Alves de frente e tentar modelar seu perfil nas suas verdadeiras proporções (...) os que têm escrito sobre ele, na sua maioria, são escritores que fugiram da vida para a mentira de uma falsa arte” (AMADO, 2010, p.15).

Nessa perspectiva, a preocupação da veracidade dos fatos apresentados em seu texto é exposta, por Jorge Amado, como uma preocupação secundária, diferenciando-se dos modernistas, os quais se questionam sobre a arte, mas não sobre a condição de vida do povo. Destaca, em seguida, que: “Castro Alves era feito doutro barro” (AMADO, 2010, p.16), aproximando-se do poeta, já que

compartilhavam o engajamento social, já que afirma “escrevo para o povo e em função do povo” (AMADO, 2010, p.15).

Adicionamos aqui a intencionalidade artística de ambos, uma vez que os dois escritores se preocupam com demandas sociais, logo, isso se reflete na forma pela qual o escritor de *Abc de Castro Alves* analisa a literatura castroalviana. Desse modo, o que Andrade considera como contraditório e limitado à esfera social, é hipervalorizado por Jorge Amado, sendo o foco desta pesquisa o “ABC que é todo um canto de guerra” (MARTINS *apud* WOLOSKI, 2016, p.145).

3.3. Abc de Jorge Amado

Em relação aos aspectos estilísticos da obra, notamos desde o título a preocupação em tornar a leitura acessível a diversas camadas sociais, já que os

ABC's de cordel, desde as suas origens, possuem como função primordial, a de instruir o povo, principalmente nas comunidades onde eram numerosas as pessoas analfabetas, como, por exemplo, o Norte e o Nordeste do Brasil, onde ainda hoje a literatura de cordel encontra um terreno fértil (SILVA, 2012, p.68).

Esse recurso literário é presente, inclusive, na estruturação do livro, que começa, depois da “Introdução com um acalanto e suas notas”, na letra A até a Z, narrando a vida de Castro Alves. Além dele, tem-se também a interlocução com a “amiga/negra”, presente também na dedicatória do livro, com quem o narrador dialoga durante todo o texto, reiterando o elemento da oralidade, a fim de tornar a leitura fluida.

Isso é observável desde a introdução apresentada pelo autor, que revela:



Senta-te aqui ao meu lado, amiga, e eu te contarei uma história. Faz tempo que não te conto uma história na beira deste cais. A noite está cheia de estrelas, são homens valentes que morreram. Senta-te aqui, dá-me a tua mão, vou te contar a história de um homem valente (...) Talvez seja uma louvação, talvez seja um ABC (...) Já ouviste certa vez o ABC de Rosa Palmeirão, a grande rosa da blusa, a navalha na saia, e lutava com seis homens e a seis homens vencia? (AMADO, 2010, p.11-12).

Vemos, assim, que a estrutura do livro convoca o povo para ouvir a exaltação do poeta baiano. Além de fazer um convite a “amiga/negra”, também faz a referência de “ABC” a outros livros seus, como *Mar Morto* (1936), fortalecendo a estrutura de projeto literário, o que converge com a obra publicada no ano seguinte a *ABC de Castro Alves* (1941), isto é, *O Cavaleiro da Esperança* (1942), na qual narra-se a vida de Luiz Carlos Prestes, com o objetivo de pressionar pela libertação desse líder político.

O pesquisador Pontes (2017), em seu artigo, destaca o entrelace entre história e literatura no caso dessas biografias, afirmando que tinham como objetivo enaltecer o Brasil, influenciando os intelectuais nacionais. Para tanto, notamos que Amado elege Castro Alves como o representante mais expressivo da literatura brasileira.

Almejando isso, Castro Alves é considerado na narrativa como um “gênio”, e essa capacidade artística extraordinária é justificada, também, pelo anseio de libertação. Dessa forma, Castro Alves é comparado com seu colega de escola Tobias:

Castro Alves lutava para que outros, milhares de desgraçados que nem tinham nome, subissem e conquistassem um lugar eles também. Vindo do povo, Tobias nunca quis voltar os olhos para o drama da escravidão, jamais quis sonhar loucos sonhos para o

futuro. Fugia daquilo de onde vinha, para ele era como uma mancha, uma marca de ferro em brasa. Para Castro Alves, não. A serviço dos que serviam pôs a sua voz e o seu braço (AMADO, 2010, p. 81).

No trecho acima, observamos que Castro Alves é hipervalorizado, como Jorge Amado já havia previsto em seu prefácio. Essa exaltação se baseia não diretamente no teor estético de seus poemas, mas sim na sua postura enquanto escritor, sendo retratado como o grande pioneiro dessa preocupação com o povo.

Outro recurso utilizado é a história da família do poeta, iniciando com sua vida no sertão, vindo de uma estrutura que em seus ancestrais se percebia o anseio de revolta. Assim, “herdou da família da mãe a beleza da avó, o que havia de aventureiro no avô, mas herdou também o sensualismo da tia fugindo para o amor na floresta, a coragem dessa tia se lançando contra as leis ferozes do sertão” (AMADO, 2010, p.29-30).

Notamos que Amado constrói uma narrativa que oportuniza a Castro Alves a escolha sempre mais transgressora (PONTES, 2017), ressaltando novamente esse caráter revolucionário do poeta, baseada também nas influências de Victor Hugo. Desse modo, ao contrário dos outros românticos preocupados com o onírico e idealizando a existência, Castro Alves coloca sua obra para o povo, preocupado com a escravidão. Também, a literatura de Alves é declamada para o povo nas praças, pois ele se dirige em meio à plateia e sua voz ressoa para que qualquer um pudesse ouvir.

Sabemos que esse recorte é proposital, já que a literatura brasileira de outros autores também se destina a questões sociais, inclusive no Romantismo criticado na obra, como acontece em textos de Gonçalves Dias, por exemplo. Portanto, a tessitura narrativa de *ABC de Castro Alves* tem objetivos políticos que ressoam na construção do personagem Castro Alves.



Pontes (2017) comenta sobre a troca de cartas entre Jorge Amado e Martins e, dentro desse cenário, Martins escreve um ensaio sobre o livro em questão e “sentencia que a biografia do poeta dos escravos é o mais importante livro brasileiro das duas últimas décadas e que representava uma ascendente maturação do romancista baiano” (PONTES, 2017, p.13).

Outro aspecto é a relação entre cristianismo e a literatura castroalviana. Em relação à liberdade, Amado coloca sobre o poeta:

E eis que logo após ele lança a palavra que será sempre a sua palavra preferida: liberdade. Diz que “como o Cristo, a liberdade sangra no poste da cruz” (...) os mestres de direito, os aristocratas e os negociantes ricos ficam ligeiramente incomodados, evidentemente é leviandade de um jovem trazer Cristo, tão bem guardado nos altares, para uma imagem perigosa com certa coisa asquerosa como a liberdade (AMADO, 2010, p.83).

Dessa forma, vislumbramos o uso que Castro Alves faz de elementos cristãos para reforçar sua causa social, isto é, com a libertação dos escravizados. Jorge Amado aproveita essa imagem para tecer suas críticas aos que considera descompromissados, pois preferem o evangelho isolado dentro da igreja.

Ainda nessa abordagem, Amado ressalta que Alves “é otimista e crê no futuro. Seu canto de dor é um canto de esperança. Ele não queria apenas lamentar a sorte dos homens negros, queria libertá-los. Seu canto não é um lamento, é um hino” (AMADO, 2010, p.99).

O desejo de libertação e a literatura de Castro Alves é comparada a um hino, diferente do canto, é uma tristeza que possui em si a esperança da eternidade. Assim, reitera a ideia otimista do poeta com base na liturgia cristã. Isso também acontece nos comentários do escritor sobre o poema *Vozes d'África*: “é um

continente, o mais infeliz dos continentes, quem fala pela sua voz. Um continente que desespera de Deus. Maravilha de canto, sonoridades ainda não conhecidas. É a África miserável e escrava a clamar para o céu que não a ouve” (AMADO, 2010, p.181).

4. Considerações (nunca) finais

Levando em conta os apontamentos acima, observamos que *Abc de Castro Alves* se diferencia dentro da produção literária de Jorge Amado, uma vez que se trata de uma biografia. Nesse sentido, também ponderamos que, para além de objetivos historiográficos, Amado elenca Castro Alves como o poeta de grande representação da literatura brasileira engajada.

Para tanto, alguns recursos foram elencados, como a contextualização do sertão, da história familiar, dos escritos do poeta, a religião cristã, o contraste entre o escritor romântico e os modernistas. Assim, Amado propõe ressaltar o valor estético, mas, principalmente, social, pois considerava Alves comprometido com as mazelas do povo, especificamente a busca pela liberdade dos escravizados.

Notamos, também, que a obra faz parte do projeto literário do autor que busca, por meio dos livros, retratar a condição dos menos favorecidos, com vistas à defesa política. Isso foi possível analisar nas trocas de cartas com Martins, o que reforça o compromisso ideológico do autor.

Para isso, Jorge Amado também utiliza a cultura nordestina, presente nos cordéis e em suas figuras emblemáticas, como Maria Bonita e Lampião. Isso também é entrelaçado à vida do poeta romântico, que teve sua existência permeada no Nordeste às problemáticas sociais, afetada pelas lutas revolucionárias, assim como pela presença de seu tio João José Alves.



Nesse entrelace, Jorge Amado também se tece na narrativa enquanto autor, já que sua produção se assemelha a de Castro Alves não somente por serem baianos, mas essencialmente por enxergarem na palavra uma forma de luta, essa que também sai do papel e se materializa em suas decisões pessoais. Dessa forma, a pesquisa buscou contribuir com as discussões sobre a literatura do escritor, em especial seu recorte biográfico, pouco abordado no âmbito acadêmico.

Referências bibliográficas

ALVES, Namara Nayane de Souza et al. *Música, informação e identidade nas obras de Waldemar Henrique*. Orientador: Rubens da Silva Ferreira. 2018. 99f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/1250/1/TCC_MusicainformacaoIndentidade.pdf. Acesso em: 24 de jul. 2023.

AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*. [s.l.], 1976. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&id=2569305676478&pagfis=46542>. Acesso em: 24 de jul. 2023.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Rondó de Castro Alves em autores modernistas. In: *Scripta*, v. 2, n. 2, p. 217-221, 1998. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10200>

MASSON, Nonnato. A aventura sangrenta do cangaço. In: *Revista Fatos & Fotos*, n.90, 20 de outubro de 1962. Disponível em: <http://lampiaoaceso.blogspot.com/2018/09/revista-fatos-fotos-n-90-20-de-outubro.html>

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito*. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-74CNWE>. Acesso em: 24 de jul. 2023.

PONTES, Matheus de Mesquita E. *ABC de Castro Alves de Jorge Amado: a intensificação das mediações com o campo comunista*. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/62222>. Acesso em: 4 de jul. 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. Uma biografia romanceada. Prefácio. In: AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. A militância política na obra de Jorge Amado. In: *Caderno de leitura: o universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 22-33, 2009. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_OuniversodeJorgeAmado_militanciapolitica.pdf. Acesso em: 23 de jul. 2023.

SILVA, Sara Daniela Moreira da. *Castro Alves na cultura brasileira*. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado)- Estudos Literários e Culturais (Literatura Brasileira), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível na WWW: <http://handle.net/10316/20693>

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito*. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-74CNWE>. Acesso em: 24 de jul. 2023.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, n.150, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br//revistaihgrgs/article/view/62222>. Acesso em: 4 de jul. 2023.



Ingrid Piaulino
Andrea Lobato
Welistony Câmara Lima
Ana Patrícia Sá Martins

Recebido em 11/10/2023

Aceito em 07/12/2023